



## **Implicaturas de futuridade em usos de *querer* + infinitivo em PB: interpretação temporal do ato de fala a partir do aspecto e da modalidade<sup>1</sup>**

### ***Futurity implicatures in the uses of the verbal periphrasis querer + infinitive in Brazilian Portuguese: temporal interpretation of speech acts stemming from aspect and modality***

Valéria Cunha dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil  
csvaleria91@gmail.com

**Resumo:** Com base em estudos sobre as categorias tempo, aspecto e modalidade (PALMER, 1986; BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1991; 1994; GIVÓN, 2001a; SWEETSER, 2001), destacamos o processo de gramaticalização de marcadores de futuro em línguas como inglês, dinamarquês e grego, envolvendo implicaturas (CHIERCHIA, 2003; LEVINSON, 2007) e atos de fala (SEARLE, 1995). Para compreender o uso similar dessa marcação de tempo em português brasileiro (PB), observamos implicaturas de futuridade a partir de usos em que o verbo de volição *querer* atua como auxiliar. Avaliamos se as implicaturas associadas à expressão de intenção ou desejo levam à interpretação de futuro nas ocorrências em primeira pessoa acompanhadas de verbo de volição ([eu/nós/a gente +] *querer* + verbo). A partir da análise das ocorrências, sugerimos que está ocorrendo em PB o mesmo processo ocorrido em outras línguas: marcas de volição tornam-se marcas de futuridade. Tendo como *corpus* o C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), composto por amostras de fala espontânea, com diálogos, monólogos e conversações, destacamos os atos de fala compromissivos e a atitude dos participantes da comunicação em relação às proposições, ressaltando o contexto extralinguístico de cada registro. Nosso objetivo foi observar como esses

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

usos funcionam na língua e, para isso, foram analisadas as 139 gravações do *corpus*, que somam 759 usos do verbo *querer*. Desse número, nos detivemos à análise de 55 ocorrências do auxiliar em primeira pessoa que disparam implicatura de futuridade, atuando como perífrase de futuro nesses casos.

**Palavras-chave:** gramaticalização; implicatura; futuro.

**Abstract:** Based on studies on the categories of tense, aspect and modality (PALMER, 1986; BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1991; 1994; GIVÓN, 2001a; SWEETSER, 2001), we highlighted the grammaticalization process of future markers in some languages. Such a process involves implicatures (CHIERCHIA, 2003; LEVINSON, 2007) and speech acts (SEARLE, 1995). To understand the similar use of that tense marking in Brazilian Portuguese (PB), we observed the implicature of futurity from uses in which the volition verb (*querer*) operates as an auxiliary. As a theoretical background, we used previous studies on the grammaticalization of lexical items that denoted desire, will and necessity and became future markers such as *will* in English. We evaluated whether implicatures associated with the expression of intent or desire leads us to future in sentences exhibiting the first person with a volition verb ([eu/nós/a gente +] *querer* + verb). Our hypothesis is that PB may be going through the same process occurred in other languages: volition markers become marks of futurity. The corpus we used was C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012). Using this we highlighted the commissive speech acts and the attitudes of communication participants in relation to propositions. Our approach started from conversation analysis, emphasizing the extra-linguistic context of each record. We analyzed 105 recordings in a private context and 34 in a public one, all of which add up to a sum of 759 uses of the verb *querer*. Among those, we highlighted 55 occurrences in which the item appears as a first person auxiliary that gives rise to a futurity implicature, working, in such cases, as a future periphrasis.

**Keywords:** grammaticalization; implicature; future tense.

Recebido em 29 de setembro de 2018

Aceito em 02 de janeiro de 2019

## 1 Introdução

Com base em estudos de abordagem panorâmica sobre gramaticalização, podemos compreender o desenvolvimento de auxiliares e afixos utilizados como marcadores gramaticais de futuro a partir de itens lexicais que inicialmente significavam desejo ou obrigatoriedade e

passaram a codificar marcação temporal, como é o caso do verbo auxiliar *will* em inglês (GIVÓN, 2001a). A interpretação de temporalidade a partir da expressão de modalidade nesse tipo de construção surge por implicatura, inferência que é feita com base no conteúdo semântico das proposições somado ao contexto conversacional. Podemos, então, projetar a mesma situação ao português brasileiro (PB), uma vez que fontes lexicais distintas tendem a convergir em vias de gramaticalização (BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1994).

Notamos, a partir de enunciados como “*Até o fim do mês quero renovar meu passaporte para viajar no ano que vem*”, que, em PB, o uso de *querer* como verbo auxiliar implica futuridade, funcionando, portanto, não como uma marca de futuro, mas uma indicação. É preciso considerar elementos contextuais, linguísticos (como as delimitações temporais “até o fim do mês” e a ancoragem em outro evento referido na sentença, “viajar no ano que vem”) e extralinguísticos (como informações sobre a probabilidade da ocorrência do evento – a compra das passagens para a viagem, por exemplo) para extrair essa leitura. A trajetória de gramaticalização a partir da implicatura de desejo disparada pelo verbo nos leva a crer que se uma ação é desejada pelo falante, de alguma forma esse falante projeta a realização dessa ação no futuro. Assim, se o mesmo ato de fala comporta a expressão de desejo e a indicação de futuro na estrutura *querer + verbo*, essa seria uma forma indireta de expressar o tempo em português, pois *querer* expressa volição e implica predição. Inferimos a marcação de tempo futuro a partir de um verbo de volição, mas não interpretamos esse tipo de proposição como um ato de fala expressivo (SEARLE, 1995). Isso pode ocorrer devido a uma escala de implicação de futuro que faz parte das expressões de desejo e volição: quanto mais próximo do desejo for o ato de fala, menor será a inferência de futuro.

Neste artigo, trazemos os resultados que obtivemos em uma pequena análise sincrônica (CUNHA DOS SANTOS, 2015) feita com base em reflexões sobre modalidade (PALMER, 1986; BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1991; 1994; GIVÓN, 2001a; SWEETSER, 2001) e aspecto (COMRIE, 1976; FOSSILE, 2012; FREITAG; ARAUJO; BARRETO, 2013). Observamos a relação entre essas duas categorias em usos que levam ao domínio da futuridade (GIBBON, 2000; BITTENCOURT, 2014). A partir da observação da atitude do falante em relação aos enunciados que o cercam, tencionamos testar se

as implicaturas associadas à expressão de intenção ou desejo levam à inferência de futuro em PB. Para isso, elencamos nos enunciados que disparam essa implicatura os usos mais aspectuais e mais modalizados, a fim de verificarmos qual categoria funcional exerce maior influência na marcação de temporalidade. Desse modo, nosso objetivo foi levantar, em dados de *corpus*, o número de ocorrências do verbo *querer* em primeira pessoa e verificar as proposições nas quais a implicatura de futuridade pode ser claramente inferida. Além disso, buscamos testar se as implicaturas associadas à expressão de intenção ou desejo levam à inferência de futuro e descrever quais são os contextos em que *querer* dispara essa inferência de temporalidade.

Acreditamos que o uso da perífrase com *querer*, no lugar de outra marca de futuro, indica desejo interno do agente que o move a uma ação futura. Portanto, há forte grau de comprometimento do falante (nos usos em primeira pessoa) diante da proposição: a ação projetada para o futuro é resultado de intenção própria. Dessa forma, ao pretender uma implicatura de futuridade com *querer*, o falante faz um ato de fala compromissivo. Tendo em vista que “os futuros de desejo terão nuances de vontade em algum estágio de seu desenvolvimento” (BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1994, p. 255, tradução nossa), hipotetizamos que “o futuro de desejo” é perceptível em português brasileiro com o uso de *querer* como auxiliar modal.

A fim de ilustrar o percurso até nossa hipótese, a seguir trazemos uma breve discussão acerca do domínio funcional Tempo, Aspecto e Modalidade (TAM), das construções de futuro em PB e das implicaturas geradas a partir de enunciados. Nas seções seguintes, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa de Cunha dos Santos (2015) e os resultados das análises dos enunciados destacados nesse estudo. Situamo-nos na perspectiva cognitivo-funcional e analisamos dados de fala retirados do *corpus* C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), composto por gravações de monólogos, diálogos e conversas e suas transcrições, para buscar responder nossas questões de pesquisa. Por fim, nas considerações finais, tecemos algumas observações a partir da discussão dos resultados e da relação com as informações encontradas na literatura e apontamos algumas possibilidades de percurso para pesquisas futuras.

## 2 A expressão de futuridade no domínio funcional Tempo, Aspecto e Modalidade

Por nosso objeto de estudo envolver uma possível marcação temporal, consideramos em nossa análise o domínio funcional complexo Tempo, Aspecto e Modalidade (TAM) (GIVÓN, 2001a). Segundo Givón (2001a), tempo é uma categoria essencialmente pragmática, pois se ancora no contexto discursivo e faz referência a um ponto externo à proposição. Trata-se de uma categoria dêitica, porque indica um acontecimento no mundo: identifica a situação enunciada (momento do evento - ME) em relação ao momento de fala (MF), e pode ser codificado na língua através do tempo verbal e do aspecto, valores expressos em verbos plenos ou auxiliares.

No que diz respeito a essa categoria funcional e, de maneira mais específica, ao tempo futuro, é importante pontuar a distinção entre *futuro* e *futuridade*. A futuridade é um domínio funcional amplo “que recobre noções que apontam para situações projetadas a partir do momento de fala” (GIBBON, 2000), sendo, portanto, uma projeção hipotética proveniente do conhecimento experiencial do ser humano. Inserido no amplo domínio da futuridade está o futuro, que também se refere a situações projetadas a partir do momento de fala, além de expressar modalidade e aspecto.

A hipótese de Bybee, Pagliuca e Perkins (1994) sobre futuro é de que ele decorre de *grams*<sup>2</sup> que evoluíram a partir de uma gama bastante restrita de recursos lexicais – construções que envolvem verbos de movimento, de obrigação, desejo e habilidade, e de advérbios temporais. Desse modo, no desenvolvimento do chamado futuro orientado para o agente, ou *desire future*, a expressão de desejo ampliou-se para expressão de vontade,<sup>3</sup> de intenção e, finalmente, de predição (BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1994, p. 256), levando à trajetória de gramaticalização ilustrada na Figura 1 a seguir.

---

<sup>2</sup> *Grams* são morfemas gramaticais que decorrem de morfemas lexicais.

<sup>3</sup> Uma definição mais detalhada sobre a diferença entre os conceitos “desejo”, “vontade” e “intenção” pode ser vista em Cunha dos Santos (2015).

FIGURA 1 – Trajetória de gramaticalização do futuro de desejo  
(BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1994, p. 256)

DESEJO ⇔ VONTADE ⇔ INTENÇÃO ⇔ PREDIÇÃO

Outra categoria funcional essencial para considerarmos o fenômeno estudado, por sua relação inerente ao tempo, é o aspecto, que diz respeito também à duração do evento, sendo referente ao tempo interno de uma situação (COMRIE, 1976).

Aqui, especialmente, trataremos do aspecto iminencial, que leva à modalidade de mais certeza, pois a iminência da ocorrência do evento pressupõe uma curta “distância temporal” entre MF e ME, uma vez que a situação está prestes a se iniciar. Entretanto, qualquer proposição que toma o futuro como referência é inerentemente *irrealis*, já que acontecimentos futuros são hipotéticos, podem vir a acontecer. Por esse motivo, consideramos que

Dentro de uma semântica da aspectualidade, o iminencial se refere a contextos em que há a expectativa de que uma situação ocorra, mas que não necessariamente se concretizou, ficando, assim, na fronteira limítrofe entre o domínio do aspecto e o da modalidade (FREITAG; ARAÚJO; BARRETO, 2013, p. 112).

Sobre a expressão da iminencialidade, Freitag, Araújo e Barreto (2013, p. 104) consideram que “é possível fazer uma leitura com gradações que vão do [- *irrealis*] ao [+ *irrealis*], a depender do conjunto de traços contextuais que indicam o grau de certeza expresso no enunciado”. Por se referir a situações que estão prestes a ocorrer, mas que necessariamente não precisam se concretizar, esse valor aspectual está ligado à factualidade, logo, ao âmbito da modalidade.

Como se sabe, a modalidade expressa a atitude do falante em relação à proposição. Não trata de valores de verdade, mas da escolha do falante entre os dois tipos de julgamento, epistêmico ou avaliativo (deôntico), que podem ser feitos sobre a informação proposicional trazida na sentença (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 240). Givón (2001a) apresenta uma lista de estados epistêmicos e metas comunicativas dos participantes da interlocução – pressuposição, asserção *realis*, asserção *irrealis* e asserção negativa – e considera que a atitude do falante não incide somente sobre a asserção, mas, também, sobre a atitude do ouvinte

face à proposição. Em um outro viés de observação, Bybee, Pagliuca e Perkins (1994) consideram os seguintes quatro tipos de modalidade: orientada para o agente (*agent-oriented*), orientada para o falante (*speaker-oriented*), epistêmica e modos subordinantes (*subordinating*).

Ressaltamos como possibilidades de expressão de modalidade em PB os usos de verbo auxiliar modal (como dever, poder...) e de verbos de significação plena, indicadores de opinião, crença e saber (como achar, pensar...) (NEVES, 1996, p.166-167). Neste estudo, na investigação dos usos de *querer* na construção de tempo por perífrase, nos interessa destacar essas possibilidades, bem como a modalidade orientada para o agente e o aspecto iminencial. Julgamos que o fenômeno investigado aqui é mais uma evidência que aponta para a necessidade de se analisar qualquer categoria do domínio TAM de maneira interligada às demais. Por esse motivo, apresentamos a seguir algumas considerações sobre a formação da marcação perifrástica de futuro em PB, salientando o processo de gramaticalização envolvendo a expressão de modalidade e processos pragmáticos de inferenciação.

### 3 Construção de futuro perifrástico em PB

A marcação canônica de futuro em português, via desinência, se desenvolveu a partir do latim, com o uso do auxiliar *habere*, que anteriormente funcionava apenas como verbo pleno com significado de posse. A construção com esse verbo auxiliar originalmente tinha sentido de obrigação ou destino e, com o passar do tempo, tal forma se gramaticalizou como um morfema de futuro. Para ilustrar essa transformação, Ilari (2014, p. 28) apresenta o seguinte trajeto de desenvolvimento para a marcação de futuro via desinência, do latim para o português: *amabo* > *amare habeo* > *amar hei* > *amarei*.

No que se refere ao processo de gramaticalização dessa marcação temporal, destacamos, na marcação de futuro em português, os estágios de estratificação e divergência – considerando os cinco estágios de gramaticalização definidos por Hopper (1991, p. 22): estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. O estágio de estratificação diz respeito ao surgimento de novas camadas, dentro de um amplo domínio funcional, na utilização de mais de uma forma para funções idênticas. Nesse sentido, os estratos antigos podem permanecer, coexistindo e interagindo com os estratos mais recentes, como é o caso

da coexistência das marcações de futuro por morfema e por perífrase. No estágio de divergência, os estratos mais antigos não são necessariamente descartados, e o item lexical se mantém em outros contextos – como é o caso do verbo *ir* em PB, que funciona tanto como auxiliar quanto como verbo pleno, em contextos distintos.

Conforme ressalta Heine (2003, p. 579), o processo de gramaticalização envolve quatro mecanismos de mudança inter-relacionados: dessemantização (*bleaching*), extensão (ou generalização contextual), decategorização e erosão (ou redução fonética). Esses mecanismos podem ou não resultar na gramaticalização de um item e ocorrem em diferentes estágios desse processo. Por exemplo, a mudança semântica nos estágios iniciais de gramaticalização não envolve necessariamente dessemantização (*bleaching*); pelo contrário, essa transformação geralmente ocorre por meio de especificação alcançada por inferenciação (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p. 212).

Além desse, outros mecanismos de mudança semântica são a expansão metafórica, relacionada à expansão de um domínio a outro, e a expansão metonímica, que acontece dentro de um mesmo domínio. Considerar a inferenciação, processo pragmático, como fator desencadeador da mudança semântica nos parece pertinente, pois a gramaticalização é motivada por fatores extralinguísticos, principalmente cognitivos (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 27).

Acreditamos que a motivação cognitiva para a expansão metafórica seja grande influenciadora do uso investigado neste estudo – verbo *querer* utilizado de forma análoga ao verbo *ir* enquanto auxiliar de tempo. Isso porque, conforme aponta Givón (2001a, p. 367), a partir de estudos tipológicos tomando como base várias línguas, podemos observar a gramaticalização de um pequeno grupo de verbos – dentre eles, *querer* – que passam a ser marcadores de aspecto ou modalidade. É somente mais tarde que esses verbos passam por uma gramaticalização secundária, como marcadores de tempo.

De acordo com a trajetória ilustrada na Figura 1 acima, temos como evidência para nossa hipótese a gramaticalização de itens que passaram da expressão de desejo para expressão de intenção e que, posteriormente, passaram a funcionar como marca de futuro, como o auxiliar *will* em inglês. Uma outra trajetória, que parte da expressão de movimento em direção a um alvo para o domínio da modalidade, com a expressão de intenção, para, então, passar a ser marca de futuro,



aponta o caminho da gramaticalização de *be going to*, também do inglês. Outro exemplo a ser citado é a trajetória de expressão de obrigação, no âmbito da modalidade, para a indicação de tempo futuro, como ocorre na construção *ter que + infinitivo* em português. Como resultado desse mesmo percurso, obteve-se, em latim, o uso de infinitivo + *habeo*, que motivou as desinências temporais *-ré* em espanhol e *-re* em português.

A mudança de expressão de modalidade para marcação de futuro do auxiliar modal *will* (de verbo pleno para auxiliar) ilustra a associação entre os significados anterior (modalidade) e novo (tempo). Essa relação parte de motivações cognitivas e é vinculada ao domínio funcional complexo TAM, pois, como os exemplos citados nos permitem considerar, “muitas construções utilizáveis para expressar tempo exprimem também outros conteúdos, sobretudo de modo e aspecto” (ILARI, 2014, p. 9). Considerando que o futuro é codificado em enunciados indicando a previsão do falante de uma situação que ocorrerá subsequente ao evento de fala, o “fator modalidade” não pode estar desvinculado desse domínio.

A partir da modalidade, principalmente das orientadas para o agente e para o falante, se desenvolvem fontes de gramaticalização para marcadores de futuro. Como afirma Gibbon (2000, p. 45), em seu estudo sobre a forma perifrástica de futuro *ir + infinitivo*, é possível destacar o componente de modalidade no tempo futuro, já que a modalidade é relevante para o futuro, não só na sua expressão, mas também na sua formação. A autora defende que a forma perifrástica entrou na língua para expressar modalidade (indicando intenção e certeza) e que, após um primeiro momento, assumiu também a codificação de futuro, ocupando o espaço do futuro do presente. O verbo que originalmente significava apenas “movimento para” passou pelo processo de dessemantização, perdendo seu valor referencial e passando a veicular significados de natureza pragmático-discursiva.

Atualmente, em português brasileiro, a marcação de tempo futuro é feita por formas simples: no futuro simples (*Farei aniversário em breve*) e no presente do indicativo (*Amanhã faço aniversário*), e por formas perifrásticas, como: *hei de + infinitivo* (*Hei de fazer uma grande festa de aniversário*), *ir + infinitivo* (*Vou fazer aniversário amanhã*) (PERINI, 2010) e *querer + infinitivo* (por implicatura) (*Quero fazer uma festa de aniversário*) (CUNHA DOS SANTOS, 2015). É sobre essa última forma de marcação temporal, via implicatura, que iremos nos debruçar de maneira mais aprofundada aqui.

Na seção seguinte, de modo mais detalhado, tratamos do papel da pragmática no processo de gramaticalização de marcadores temporais, especialmente no que tange à variação e mudança linguística motivada por inferenciação.

#### **4 O papel da pragmática na gramaticalização: indicação por implicatura**

Como já vimos afirmando, nesta pesquisa tencionamos investigar usos de *querer* + *infinitivo* que possibilitam a interpretação de tempo futuro a partir do verbo de volição. Nesses casos, os enunciados não servem meramente para expressar um estado do falante, ou seja, o enunciador não tem como objetivo comunicativo apenas informar seu interlocutor sobre um desejo seu. Antes, o enunciador, fazendo uso dessa forma de expressão de intenção, fornece ao ouvinte as ferramentas necessárias para que seja acessada, dentre outras implicaturas, a de que o conteúdo proposicional faz referência a evento futuro. Desse modo, não interpretamos esse tipo de proposição como um ato de fala expressivo ou declarativo, mas como um compromissivo, que tem como propósito comprometer o falante com uma certa linha de ação (AUSTIN, 1990; SEARLE, 1995).

Atos desse tipo tendem a provocar “mudanças no mundo para que este corresponda ao conteúdo proposicional do ato de fala” (SEARLE, 1995, p. 10), já que há comprometimento do falante, assumindo a responsabilidade de desenrolar uma ação futura. Julgamos ser esse o tipo mais próximo dos observados nos usos em que *querer*, enquanto verbo auxiliar, dispara implicaturas de futuridade. Ao realizar um ato de comprometimento, o falante fornece as ferramentas necessárias para que o ouvinte interprete seu compromisso como ação futura através de uma implicatura. Isso pode ocorrer devido a uma escala de implicação de futuro que faz parte das expressões de desejo e volição: quanto mais próximo da expressão do desejo for o ato de fala, menor será a inferência de futuro, conforme ilustramos na Figura 1, na trajetória de gramaticalização do futuro de desejo proposta por Bybee, Pagliuca e Perkins (1994, p. 256). Consequentemente, quanto mais “distante” do desejo – dentro do *cline* em questão –, maior será o sentido de predição.

No que se refere ao conceito de intencionalidade, Givón o relaciona com a realização de fatos no mundo a partir da intenção. Segundo ele,

ações são mudanças no estado do universo em que o comportamento intencional de agentes esteve envolvido. Em outras palavras, a causa/ agente percebeu o estado precedente do universo, então, através de comportamento intencional, causou-lhe uma mudança para um estado diferente subsequente (GIVÓN, 2012, p. 436).

Para o autor, verbos que carregam significado de intencionalidade podem ser classificados em termos de força intencional, na seguinte escala: *querer* > *intencionar* > *planejar* > *poder*. Esse *ranking* é relacionado à realização bem sucedida por meio da inferência pragmática: quanto mais forte é a intenção do agente, maior a probabilidade de sucesso (GIVÓN, 2001b, p. 57), ou seja, maior probabilidade de o acontecimento ocorrer no mundo.

Retomando o que vimos afirmando, consideramos que o ato de fala compromissivo é alcançado via implicatura. Para Levinson (2007, p. 207),

está claro que a implicatura desempenha um papel importante na mudança linguística, acionando mudanças sintáticas e semânticas. Na verdade, parece ser um dos mecanismos mais importantes pelos quais as questões do uso linguístico realimentam e afetam as questões da estrutura linguística. É, portanto, uma rota importante pela qual as pressões funcionais deixam a sua marca na estrutura de uma língua.

Diferente das inferências semânticas, a implicatura é considerada um tipo de inferência pragmática, por ser não dedutiva (não lógica), mas indutiva, uma vez que é inferida a partir do uso. Por implicaturas, é possível compreendermos e comunicarmos mais do que dizemos, porque a significação vai além do literal, é composta por outros elementos além do significado de cada palavra.

As ideias centrais sobre implicatura foram propostas por Grice (1967) e têm ligação com as noções de comunicação intencional e significado do falante. Portanto, podemos dizer que as implicaturas são inferências pretendidas pelo falante. É também Grice quem propõe a existência de um grupo de diretrizes que conduz a conversação, de modo que a língua seja utilizada cooperativamente. O Princípio da Cooperação determina que, numa situação comunicativa, o falante deve fazer sua contribuição para a comunicação, com finalidade e direção aceitas na troca em que está envolvido (CHIERCHIA, 2003; LEVINSON, 2007).

Dentro desse Princípio, para uma conversação eficaz, os interlocutores devem ser sinceros, relevantes, claros e suficientemente informativos.

Nesse sentido, ao optar por utilizar uma certa forma que dispara uma série de implicaturas, o falante conta com uma certa interpretação do seu interlocutor, a partir da situação de uso. Considerando isso, pontuamos que essa inferência envolve dois significados: o conteúdo literal (significado da proposição) e a mensagem pretendida (significado do falante).

Segundo Levinson (2007, p. 121), “o conceito de implicatura parece oferecer algumas explicações funcionais significativas dos fatos linguísticos”. O falante opta por falar por implicaturas porque quer veicular uma informação diferente do dito ou quer ser mais expressivo, tendo em vista o Princípio da Cooperação. Portanto,

sempre que evito uma expressão simples em favor de uma perífrase mais complexa, pode-se supor que não o faço levemente, mas porque os detalhes, de certa maneira, são relevantes para o empreendimento em curso (LEVINSON, 2007, p. 134).

As implicaturas que são disparadas nos usos de *querer* + *infinitivo* são conversacionais. Essas inferências são canceláveis (ou anuláveis) – é possível cancelar a inferência acrescentando algumas premissas adicionais às premissas originais –; não destacáveis – possuem ligação com o conteúdo semântico, não com a forma linguística e, por isso, não podem ser destacadas de um enunciado (exceto as que se devem à máxima do modo) –; calculáveis – tendo em vista o significado literal, o sentido da enunciação e o princípio cooperativo, o destinatário faria a inferência para preservar a cooperação presumida –; não convencionais – não fazem parte do significado convencional das expressões linguísticas (GRICE, 1967).

As implicaturas conversacionais podem ser particularizadas, exigindo contextos específicos para interpretação, ou generalizadas, sem que seja necessário um determinado contexto para serem inferidas. Nestas, particularmente, o conteúdo semântico é dificilmente distinguido das expressões linguísticas, já que são associadas a expressões relevantes em todos os contextos. As implicaturas ligadas ao uso do verbo *querer* indicando futuro podem ser consideradas escalares (subtipo das implicaturas generalizadas). Vemos em Horn (1972 *apud* Levinson, 2007, p. 166) uma escala possível para o caso analisado aqui, onde o item mais forte é colocado à esquerda:

<succed in V+ing, try to V, want to V>

<conseguir V, tentar V, querer V>

Se um falante afirma um item à direita na escala (mais fraco prevalece), ele veicula a implicatura de que o item à esquerda (mais forte) não prevalece. Por exemplo, num enunciado como em (1):

(1) Eu quero ganhar! Ou melhor, eu vou ganhar!

“Eu quero ganhar” pode implicar “quero, mas há possibilidade de não ganhar”. Quando há o acréscimo de “eu vou ganhar” ao enunciado, infere-se, por acarretamento, que o falante quer ganhar. Ou seja, o item mais fraco nega o mais forte, mas o mais forte inclui, acarreta, o mais fraco. “Quero” (expressão de intenção) se refere a uma possibilidade mais remota, enquanto que “vou” (expressão de predição já gramaticalizada) marca maior comprometimento do falante com a ação descrita na proposição. Essa relação é ilustrada na Figura 2 a seguir, associando intenção e predição a diferentes níveis de modalidade.

FIGURA 2 – Relações das inferências entre intenção e predição



O acarretamento, também conhecido como implicação lógica, não é calculável, mas induzido no discurso por uma linha de raciocínio: “se uma proposição *a* implica uma proposição *b*, isso significa que se *a* é verdadeira, então *b* é necessariamente verdadeira” (MOURA, 2006, p. 15). Portanto, se:

(2) Eu vou me inscrever no curso, então

(3) Eu quero me inscrever no curso, ou

(4) Eu devo me inscrever no curso.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> No exemplo (4), o verbo *dever* é tomado em seu uso deôntico.

Se o falante vai realizar uma ação que depende dele para se concretizar, implica-se logicamente que ele queira que essa ação aconteça ou que ele tenha o dever de executá-la. Porém, vale ressaltar que o falante *querer* algo nem sempre é condição suficiente para a realização de uma ação. É nesse sentido que situamos esse tipo de expressão em um ponto + *irrealis* numa escala de modalidade.

Retomando o que já destacamos sobre implicaturas escalares, vale ainda pontuar que, apesar de não precisarem de um contexto específico para ocorrerem, essas são afetadas pelo contexto. Inferências desse tipo, disparadas por um mesmo item, podem variar. Elas podem servir para expressar predição, em sentenças como: *Eu quero sair* ou *Eu quero trocar de carro*, e para expressar desejo, como em: *Eu quero ganhar na loteria* e *Eu quero ser forte, mas não consigo*. Todos os exemplos projetam as ações (sair, trocar, ganhar, ser) para o futuro, mas os interpretamos de maneiras diferentes. As inferências de predição derivam de ações que dependem do falante para se concretizarem. As intenções do falante/ agente são condições suficientes para a realização de sair e trocar de carro. Já na expressão de desejo, a vontade do falante não interfere na realização de ganhar e ser forte – considerando o último exemplo, poderíamos inferir que o falante quer e vai ser forte, mas essa implicatura é cancelada com o acréscimo da informação seguinte “*mas não consigo*”, que revela sua incapacidade para efetuar a ação.

Pistas como referências temporais, tempo verbal de outros verbos em enunciados próximos e adjuntos nos levam à interpretação de futuro a partir de *querer*, desde que o item em questão esteja inserido em contexto linguístico favorável. A fim de investigar esse fenômeno – a implicatura conversacional como fator que modifica a interpretação do tempo verbal – realizamos uma busca de ocorrências em um *corpus* fechado, com o intuito de analisar os contextos de uso e observar quais elementos estariam exercendo maior influência na interpretação dos enunciados, expressivos *a priori*, como atos de fala compromissivos. Detalhes sobre o *corpus* e a metodologia utilizados em nossa investigação estão descritos na seção a seguir.

## 5 Análise dos usos de *querer* + *infinitivo* e fatores que disparam implicaturas de futuridade

Para fins práticos, optamos por utilizar um *corpus* fechado que contivesse dados de fala espontânea em português brasileiro. Todas as sentenças analisadas neste estudo fazem parte do C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), que tem suas informações disponíveis em CD-ROM. Buscamos ocorrências de uso do verbo *querer* como auxiliar em contextos em que se infere, a partir de implicatura gerada, que a ação descrita na proposição ocorrerá no futuro. Foram analisados monólogos, diálogos e conversações, em contextos privado e público. Assim, foi possível observar a ação dos interlocutores (nos diálogos e nas conversações) diante do enunciado e se o significado implicado na proposição foi compreendido naquele contexto.

Foram destacadas ocorrências de primeira pessoa (singular e plural – P1 e P4) + *querer* + verbo no infinitivo, tendo em vista a conclusão do estudo diacrônico apresentado em Bybee, Pagliuca e Perkins (1991; 1994) de que “na formação do futuro, desejo e obrigação podem ser usados em sentenças expressando intenções do agente, especialmente em primeira pessoa” (BYBEE, PAGLIUCA, PERKINS, 1994, p. 178).

Cada gravação do *corpus* foi ouvida ao mesmo tempo em que sua transcrição era lida, para que fosse possível captar outros sons daqueles contextos que poderiam contribuir para as inferências dos enunciados – como a aproximação do falante ao microfone do gravador depois de enunciar “*quero mandar um recadinho pra quem ouve a minha voz*”, por exemplo. A busca foi realizada nas transcrições dos áudios em arquivo .doc, com a localização automática pelo comando *crtl + l* de “*quer-*” e “*quis-*”. Cada caso foi destacado e passou por uma problematização posterior em que foram salientados elementos que acompanham a ocorrência na investigação sobre um padrão de uso. Destacamos todas as ocorrências de *querer* em primeira pessoa, quantificamos os resultados dos usos e analisamos apenas os de volição que implicavam predição. Realizamos uma análise qualitativa já que a pouca quantidade de ocorrências seria pouco representativa num estudo de caráter quantitativo. Dados sociolinguísticos não foram levantados para essa análise, pois acreditamos que o condicionamento para a interpretação investigada se dá mais pelo contexto e pela situação comunicativa que por fatores como idade ou escolaridade do falante.

No total, foram analisadas 139 gravações: 105 em contexto privado (34 conversações, 36 monólogos e 35 diálogos) e 34 em contexto público (09 conversações, 14 monólogos e 11 diálogos). Nesses áudios, há 759 ocorrências do verbo *querer*. Desse número, destacamos os 55 usos do auxiliar em primeira pessoa que disparam implicatura de futuridade, atuando como perífrase de futuro nesses casos.

Como tratar de implicaturas fora do contexto da conversação pode ser muito subjetivo, optamos pelos enunciados onde havia evidências, dentro do mesmo dado analisado, de como o interlocutor interpretou as implicaturas pretendidas pelo falante. Assim, foi possível observar a resposta do interlocutor diante do enunciado e se o significado implicado na proposição foi compreendido. Muitas ocorrências certamente ficaram de fora ao definirmos essa condição, mas distanciado das interações gravadas, o olhar do analista não pode captar outras pistas extralinguísticas para a interpretação, como gestualidade, contexto mais amplo, relações interpessoais e nível de conhecimento compartilhado. Portanto, dentro das limitações descritas, elencamos apenas as gravações que nos fornecem elementos suficientes para calcularmos implicaturas de futuridade possíveis.

Nosso intuito foi olhar para as ocorrências, as pistas linguísticas e comunicativas e descrever quais são os contextos em que *querer* dispara a implicatura de temporalidade. Para essa análise, destacamos os seguintes fatores:

- Tipologia interacional: conversa, diálogo ou monólogo;
- Ambiente de interação: público ou familiar/privado;
- *Querer*: verbo pleno ou auxiliar;
- Papel temático do sujeito: agente, experienciador, paciente;
- Tempo: determinado ou indeterminado;
- Presença/ausência de marcas de futuridade fora do verbo: verbos conjugados no mesmo turno de fala e advérbios;
- Projeção de futuridade (OLIVEIRA, 2006): futuro próximo, distante ou indefinido;
- Inferências a partir dos enunciados: acarretamento e implicatura;
- Tipos de verbos principais: regulares e irregulares;
- Usos com valor mais aspectual e mais modal.



Nos casos em que tivemos dúvidas quanto à possibilidade da implicatura no contexto da conversação examinada, foi feito o seguinte “teste”: trocar *querer* por *ir* (como verbo auxiliar na perífrase de futuro). Não havendo perda de sentido de futuridade, o uso de *querer* foi considerado possibilidade de futuro perifrástico, disparando implicatura de temporalidade, conseqüentemente.

A seguir, na seção de discussão dos resultados, trazemos alguns recortes dos dados analisados. Os excertos não são apresentados nos moldes de transcrição do C-ORAL-BRASIL I, mas foram adaptados para a modalidade escrita da língua portuguesa para que pudessem ser acomodados neste trabalho da melhor maneira. Anotações sobre prosódia e outros elementos observados na transcrição original podem ser consultados diretamente nos arquivos organizados no *corpus*.

## 6 Discussão dos resultados

Nosso objetivo foi levantar o número de ocorrências do verbo *querer* em primeira pessoa e verificar as proposições nas quais a implicatura de futuro pode ser claramente inferida. Foram analisados todos os dados do *corpus*: 46 diálogos, 50 monólogos e 43 conversas, totalizando 139 gravações de, aproximadamente, 10 minutos cada.

*Querer* foi utilizado 759 vezes em todas as gravações e é o 14º verbo mais frequente no *corpus*, aparecendo como verbo pleno (*Quero a caneta azul*), como verbo auxiliar (*Quero fazer um mestrado em educação*) e em expressões (*Ela é de Uberlândia. Quer dizer, eu acho que é*).

Conforme apontamos anteriormente, nosso estudo observou apenas os usos em primeira pessoa, que somam 31,6% do total dos registros (240). Na maioria dos usos destacados, vemos que o verbo atua como auxiliar, como ilustra a Tabela 1:

TABELA 1 – Usos do verbo *querer* em primeira pessoa (singular e plural) nas gravações em contexto público e privado

	Diálogos		Conversas		Monólogos	
	Verbo pleno	Auxiliar	Verbo pleno	Auxiliar	Verbo pleno	Auxiliar
P1	39	42	25	60	18	39
P4	-	04	-	04	02	07
<b>Total</b>	85		89		66	

Dentre as ocorrências analisadas, que totalizam 156, nem todas dispararam a implicatura explorada aqui. Na Tabela 2, vemos que pouco mais de um terço dos usos como verbo auxiliar em primeira pessoa foi contabilizado em nossa pesquisa, pois foram essas 55 ocorrências que tiveram implicaturas de futuridade claramente inferidas.

TABELA 2 – Total de usos do verbo como auxiliar, em primeira pessoa (singular e plural), e quantidade de vezes em que houve gatilho para implicatura de futuridade

	Auxiliar	Uso disparando implicatura
P1	141	52
P2	15	03
<b>Total</b>	156	55

Lembramos que foram destacados apenas os usos em que é possível – pela realização da ação mencionada no verbo principal durante o tempo de gravação ou pela resposta do interlocutor – confirmar a inferência por implicatura.

Para ilustrar os dados considerados como usos que disparam implicaturas, abaixo trazemos uma análise mais detalhada de um recorte do áudio bfamd123, do C-ORAL-BRASIL I, de um diálogo em contexto familiar/privado, em que duas pessoas estão conversando e pelo menos uma delas está jogando no computador durante o tempo da gravação:

BAR: Eu já passei todos meus itens. Tô tentando falar com esse cara aqui que tá online na minha lista de amigos. Mas ele tá em outra cidade, então não tem como eu ir pra lá, porque, se for pra lá, eu vou gastar dinheiro, sabe? Eu **quero passar** meu dinheiro pra alguém que pelo menos esteja aqui, porque todos meus personagens estão nessa cidade, pra que eu possa, tipo, passe pra alguém que esteja nessa cidade, entro com outro personagem e esse cara passa pra minha personagem, entendeu? Então, não vale a pena eu ir pra outra cidade.

[...]

JAN: Mas que missão que cê tem que fazer nesse jogo?

BAR: Ah... é tipo assim... Calma que eu vou... Olha, eu sou, no caso, a personagem que eu **quero jogar** aqui eu sou uma maga. Então eu tenho que evoluir essa maga porque eu **quero virar**

bruxa. Então eu tenho que jogar, matar monstro pra ganhar experiência até eu poder virar bruxa. No caso eu posso virar bruxa com *level* quarenta, mas eu vou virar com *level* cinquenta pra eu ganhar o máximo de pontos de habilidades. Eu distribuir entre as minhas habilidades... Então eu tenho que evoluir, comprar equipamentos melhores, ganhar dinheiro, etc.

Vemos nesse trecho um contexto todo modalizado, um conjunto harmônico que permite o uso e a interpretação do modal *querer* como marca de futuro. Cada ocorrência analisada dá pistas para interpretar quando a atitude do falante revela mais predição ou mais intenção.

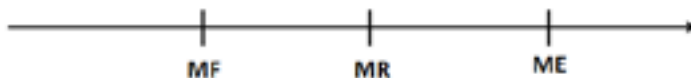
“Quero jogar” é menos *irrealis* (expressão de aspecto iminencial) que “quero virar” e “quero passar” (expressão de volição), e vem seguido de “eu sou”, indicando tempo presente. No decorrer do diálogo, percebemos, a partir de sons captados pelo microfone do gravador (que indicam uso de teclado e *mouse* e a inicialização do jogo), que BAR iniciou o jogo durante o momento de fala (MF), confirmando a possível implicatura: “BAR está prestes a iniciar o jogo no momento em que fala”, já que podemos inferir que “aqui” é uma referência ao momento da conversação (Figura 3). Na escala de futuro de desejo, essa proposição estaria mais próxima à predição que ao desejo.

FIGURA 3 – Sequência em que ME (*quero jogar*) é imediatamente posterior ao Momento de Referência (MR) (*aqui*), que coincide com MF (*eu sou*)



Já “quero virar” vem precedido que “tenho que evoluir”, com modalidade deôntica marcada pela estrutura *ter que + verbo* (mais *irrealis*). Após enunciar a proposição, BAR lista uma série de requisitos, ações futuras, que devem ser cumpridos para que se alcance a intenção expressada. Novamente, como ilustra a Figura 4, o momento do evento (ME) é posterior ao momento de fala (MF).

FIGURA 4 – Sequência em que ME (*virar bruxa*) é posterior a MR (*tenho que evoluir*)



A partir desse exemplo, destacamos que, assim como as demais categorias que envolvem o complexo domínio funcional TAM, o aspecto não é marcado apenas pelo valor inerente do verbo. O mesmo verbo pode assumir diferentes valores aspectuais conforme seu contexto de uso, o que foi comprovado em nossa observação.

Evidenciamos, dentro da análise aspectual, usos em que o verbo principal acompanhado pelo auxiliar *querer* é uma ação projetada para ocorrer em um futuro imediato, muito próximo ao momento da fala. Então, na interpretação de futuridade gerada pela implicatura, falante e ouvinte vão da modalidade, na expressão de um estado do falante (querer, ter intenção), passam pelo aspecto iminencial (a partir dessa intenção alguma coisa ocorrerá) e chegam à temporalidade (contexto de futuro, onde a ação se realizará).

Dos 55 usos que geram inferência e que foram considerados em nossa investigação, o aspecto iminencial possui destaque em 40% dos casos. Mesmo não sendo maioria, nas sentenças em que o aspecto iminencial foi observado, essa marca veio acompanhada do alto grau de comprometimento do falante frente à proposição, resultando em enunciados menos *irrealis*. Para ilustrar essa conclusão, salientamos o seguinte recorte, do áudio bfamdl34, de conversa em contexto familiar, em que o falante anuncia sua próxima jogada, enquanto os interlocutores jogam damas durante o tempo de gravação:

HEL: Deixa eu pensar uma coisa aqui. Calma... Vou fazer isso mesmo. Fazer isso, que eu **quero comer** a rainha. Ela tá com a rainha minha, eu **quero comer** uma rainha dela.

HEL: Sem rainha!

CAS: Pera aí! Cê tava aqui.

HEL: É. Eu posso comer. Eu posso usar a minha torre, né? Ela anda assim: horizontal, vertical.

CAS: É.

HEL: Aí eu fui lá e comi sua rainha.

CAS: Ah, certo!

Nos usos de “quero comer”, não apenas há expressão da intenção de HEL, como, no próprio tempo da enunciação, há seu engajamento enquanto agente: o falante projeta sua ação de mudança para um tempo posterior imediato. Nesse exemplo, temos, com a característica aspectual, a modalidade, no grau de comprometimento do falante diante da proposição. Em casos como esse, o desenrolar do ME é imediato e o falante (e apenas ele) é o responsável pela realização da ação descrita.

Já em relação à flexão de tempo dos verbos analisados, o uso mais frequente dentre os casos de implicatura foi do verbo auxiliar conjugado no presente do indicativo (*eu quero e a gente quer*). O verbo principal mais frequente nos recortes destacados em nossa pesquisa foi *fazer*, totalizando 20%. O tipo de verbo principal não se mostrou um fator relevante para os usos em primeira pessoa de *querer* como auxiliar, inclusive nos usos que disparam implicatura.

Em contrapartida, o papel temático do sujeito, outro fator considerado em análise, se mostrou propício para interpretação de implicatura de futuridade. Observamos apenas sujeitos experienciadores e agentes, o que já era esperado por destacarmos apenas ocorrências em primeira pessoa. A grande maioria (87%) das implicaturas é inferida a partir de contextos em que o sujeito do verbo, além de enunciador, é agente da ação mencionada na proposição. Por ser agente, responsável por desencadear a ação indicada no verbo principal, a significação típica de volição ou intenção de *querer* perde espaço para a interpretação de implicatura de futuridade (posição de predição), onde, novamente, há maior comprometimento por parte do falante.

No exemplo a seguir, retirado do áudio bpubdl01, dois falantes conversam e seu ambiente é uma obra em andamento. O falante PAU é o responsável pela construção de um muro e utiliza *quero chegar e quero deixar* permitindo que seu interlocutor compreenda que “chegar” e “deixar” se referem à conclusão do evento da obra, momento localizado em tempo posterior ao momento de fala. A partir de usos como esses, chegamos às nossas conclusões sobre a influência desempenhada pelo papel temático do sujeito na interpretação de futuridade:

ROG: Esse aqui vai ficar mais alto um pouquinho, né? Ou não?

PAU: Capaz...

ROG: Uhm.

PAU: Depende do barranco lá, e lá eu **quero chegar** com ele até a divisa com o Paulo. Isso até aquele murinho lá, sabe como?

ROG: Sei.

[...]

PAU: Ah, tem um outro lugar aqui que vai gastar muita pedra também. Aqui ó, no piso.

ROG: É, uai!

PAU: Aquela passagem lá eu **quero deixar** marcada também, sabe? Tô achando que eu you fazer ela com um metro. Acho que com um metro e vinte ela fica boa, né?

Além desse, outros fatores que influenciam a inferência por implicatura são a projeção de futuridade e a delimitação do tempo. Em 15 ocorrências (27% do total) o tempo de referência era indeterminado, com projeção de futuridade mais *irrealis*, sem nenhuma pista que informasse se a ação ocorreria mais próxima ou mais distante do momento da fala. Um caso como esse é ilustrado pelo trecho do áudio bfamnn17, transcrito abaixo:

HBF: Aí uma vez eu, vendo o restaurante lá, falei assim: “um dia eu you vim aqui nesse restaurante, mas eu **quero subir** esse morro a pé!” Tem estrada pra carro e tudo mais, vai fazendo as voltas e tal e a gente chega lá no alto. E a Hortênsia tinha menos de quatro anos. O lance era fazer a Hortênsia subir o morro com menos de quatro anos. A Marina tinha uns dez anos e a Cíntia devia de ter doze. Aí eu fiz essa vontade, sabe? Fiz essa vontade. Aí peguei, deixei o carro no pé do morro e fui subindo, né?! E pra poder subir e fazer essas meninas... não podia dar colo pra Hortênsia, nem pra Marina, né? A Cíntia não ia pedir colo mesmo, né? Mas nem eu, nem a Cíntia não íamos aguentar subir o morro carregando criança, né? Tive que ter uma conversa danada pra empurrar essas três morro acima, pra chegar até lá no alto. Aí a gente almoçou, depois do almoço descansamos bastante.

Também situado num contexto de tempo indeterminado, o trecho do áudio bfamnn23, de um relato de MEL sobre sua experiência profissional, difere do excerto acima, pois menciona um fato (*dar aula*) e o localiza em um momento posterior à sua fala, sem que saibamos se esse fato ocorreu realmente no mundo. Entretanto, mais adiante, MEL utiliza como alternativa para atingir seus propósitos comunicativos a forma perifrástica já gramaticalizada de marcação de futuro:

MEL: E vai ter uma aula, eu **quero dar** uma aula também sobre a sala de aula, né? Pra eles aprender a falar “caderno”, “livro”, “borracha”, “lápiz”, “caneta”, outras coisas igual “levantar a mão”, “escrever”, “ler”... A gente vai dar uma aula sobre isso também.

Casos como esse, em que há marcas temporais em outros itens da sentença (fora da forma verbal analisada), somam 40 ocorrências (73%). As ações indicadas nos verbos principais ocorreram num futuro próximo do momento da fala em 33 (60%) orações e num futuro mais distante em 07 (13%). Nesses casos, temos ainda modalidade *irrealis*, mas com maior grau de certeza.

Por fim, apresentamos os dados que contêm outras marcas de futuridade, além da flexão do verbo auxiliar. Contabilizamos outros verbos conjugados no mesmo turno de fala, advérbios e demais referências que influenciam a interpretação de predição por implicatura. Um exemplo é retirado da gravação bpubcv09, de uma conversa entre instrutor e aluno, em uma academia de ginástica, em que, assim como no último trecho que apresentamos, o falante MAR utiliza *quero fazer* e substitui essa forma por *vai fazer*. Essa reformulação provavelmente decorreu da resposta de MRC, que, ciente da implicatura de que a ação “fazer doze repetições do exercício e não mais” seria realizada por MAR no momento seguido de sua fala, cancelou essa inferência utilizando a forma gramaticalizada *ir + infinitivo*. Esse movimento interpretativo foi semelhante ao que apresentamos em (2), (3) e (4) anteriormente.

MAR: Ô, é sério! Eu **quero fazer** doze só.

MRC: Oê quer, mas vai fazer vinte!

MAR: Não, vou fazer doze!

MRC: Não existe “doze” no meu vocabulário.

MAR: Ah! Cê acabou de falar!

MRC: Então faz doze ao contrário: vinte e um.

MAR: Não!

MRC: Doze vezes dois: vinte e quatro.

MAR: Não! Vou fazer doze.

Todos os enunciados que nos permitem inferir futuridade por implicatura, disparada por *querer* + infinitivo, estão inseridos em um contexto harmônico. Os elementos linguísticos que constituem os contextos favoráveis para a significação que investigamos são, principalmente, verbos próximos do enunciado conjugados no futuro

(25 do total) e no presente (12 do total) (em muitos casos de marcação de tempo futuro, como em “*Isso eu faço amanhã*”) e advérbios (*já, então, aí...*) (15 do total). Os advérbios que mais foram frequentes nos casos de inferência de futuridade foram “*aí*” e “*daí*”, seguidos de “*então*”, “*já*” e “*agora*”. Tais advérbios contribuem para interpretarmos valores aspectuais e, conseqüentemente, temporais nos enunciados que os carregam.

## 7 Considerações finais

A partir das análises dos dados, podemos sugerir que utilizamos formas mais complexas, como as perífrases, provavelmente porque as formas simples para significar determinado conceito não são tão expressivas. Na marcação de futuro em PB, vemos que as formas perifrásticas carregam, além do sentido do verbo principal, o valor do verbo auxiliar, e, por isso, podem ser consideradas mais significativas para certos fins.

Nossos resultados vão ao encontro dos apontados nos estudos de Gibbon (2000) e Oliveira (2006) sobre futuro perifrástico com *ir* + *infinitivo*. As autoras já haviam apontado para a preferência de usos perifrásticos, principalmente quando o sujeito é agente ou experienciador (OLIVEIRA; OLINDA, 2008, p. 114). É a polissemia do verbo *ir* (movimento no espaço e no tempo) que desencadeia uma mudança semântica, fonte da gramaticalização desse verbo como auxiliar que exprime futuridade (OLIVEIRA; OLINDA, 2008). A polissemia de *querer* também é responsável pela possibilidade desse item funcionar como auxiliar nessa marcação temporal: quando *querer* exprime um desejo, trata-se de um enunciado expressivo; quando exprime intenção, é uma predição.

Nos dados analisados, as implicaturas decorrentes da expressão de volição veiculadas pelo verbo auxiliar *querer* levam a uma interpretação de tempo futuro, principalmente porque uma das origens do futuro (tempo verbal) é derivada de noções como desejo e intenção.

Porque essa inferência está no plano do não dito, utilizar *querer* para marcar futuro indica pouco comprometimento por parte do falante em alguns casos – pois, dentro de uma escala, ele opta por utilizar a forma mais “fraca”, que não acarreta a mais “forte”. Entretanto, quando a realização da ação descrita no verbo principal depende do



falante enquanto agente, temos alto comprometimento, trazendo uma interpretação como “essa ação acontecerá porque essa é minha vontade enquanto agente”.

*Querer* + *infinitivo*, em usos em primeira pessoa, pode denotar que a ação descrita no verbo principal é um desejo ou que ela será desenvolvida após o momento de fala, num ato comissivo, por exemplo. Palmer (1986, p.116) chama atenção para o fato de marcadores de futuro, em geral, serem interpretados como promessas, mas seria melhor considerá-los como significado indireto ou derivado desse uso. A maioria dos casos em que destacamos implicaturas se encaixa em atos comissivos, mas usos de *querer* envolvem também atos expressivos, quando é descrita uma intenção como um estado.

Verbo inerentemente *irrealis*, *querer* agrega valores temporais e aspectuais às sentenças em que dispara implicatura de predição. Usos com ação iminente, sujeito agente, acompanhado de marcas temporais como advérbios ou outros verbos conjugados têm o contexto em que *querer* serve para marcar evento futuro, além de significar que o desenrolar desse evento é desejado pelo falante. O uso desse verbo como auxiliar em perífrase de futuro em português brasileiro coocorre com outras formas temporais, pois expressa uma nuance específica de significado de intenção, não marcada nas outras formas de futuro.

Vale ressaltar aqui que a marca do aspecto, particularmente do iminencial, é um ponto anterior à marcação do futuro. Quando há atuação do aspecto, interpretamos o enunciado com maior marca de tempo do que modalidade. Ou seja, diante de aspecto iminencial, a interpretação temporal é favorecida e a expressiva é menos considerada.

Destacamos que o baixo número de ocorrências não nos diz muita coisa sobre um possível processo de mudança ou revela algum estágio de gramaticalização. Entretanto, a possibilidade de uma interpretação recorrente em diversos contextos é o que destacamos, mais do que a quantidade dessas inferências dentro de um *corpus*.

Ressaltamos que quantificar dados de inferências como implicaturas pode ser problemático, já que, enquanto analistas, estamos distantes do contexto em que a forma investigada foi utilizada. Nossa interpretação, apesar de pautada em uma série de critérios, é artificializada. No uso efetivo, na interação face a face, muitos fatores são elencados para compor a significação, tantos que não conseguimos recuperar em dados gravados.

Finalmente, defendemos que as respostas encontradas nesta investigação podem servir como ponto de partida para outros trabalhos, principalmente sobre o valor modal de *querer* enquanto verbo auxiliar e a marcação de futuro de desejo em português brasileiro. Outras questões e outras respostas podem surgir numa abordagem mais filosófica dos conceitos de desejo e intenção. Do mesmo modo, o estudo aprofundado sobre implicaturas, contexto e atos de fala certamente poderá esclarecer pontos que tenham ficado vagos.

## Referências

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BITTENCOURT, D. L. R. *O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BYBEE, J. L.; PAGLIUCA, W.; PERKINS, R. D. Back to the Future. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p.17-58. v. 2: Focus on Theoretical and Methodological Issues. DOI: <https://doi.org/10.1075/tsl.19.2.04byb>

BYBEE, J. L.; PAGLIUCA, W.; PERKINS, R. D. *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World*. Chicago: The University Chicago Press, 1994.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

COMRIE, B. *Aspect: na introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CUNHA DOS SANTOS, V. *Intenção e desejo: usos de querer com implicaturas de futuridade*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

FOSSILE, D. K. Valores aspectuais do português brasileiro e do alemão: uma proposta de síntese. In: MOURA, H.; MOTA, M. B.; SANTANA, A. P. (Org.). *Cognição, léxico e gramática*. Florianópolis: Insular, 2012. p. 47-93.

FREITAG, R.; ARAÚJO, A.; BARRETO, E. Emergência e regularização de usos em categorias verbais do português: gradações de modalidade nos valores condicional, iminencial e habitual no domínio do passado imperfeito. *Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)*, Natal, v.15, n.1/2, p. 99-122, 2013.

GIBBON, A. O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis*: gramaticalização e variação. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, T. Tense, Aspect and Modality I: Functional Organization. Tense, Aspect and Modality II: Typological Organization. In: \_\_\_\_\_. *Syntax: An Introduction*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001a. v. I, p. 285-366.

GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001b. v. II.

GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012.

GRICE, H. P. *Logic and Conversation*. *William James Lectures*. Cambridge: Harvard University, 1967.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601. DOI: <https://doi.org/10.1002/9780470756393.ch18>

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35. v. 1: Focus on Theoretical and Methodological Issues. DOI: <https://doi.org/10.1075/tsl.19.1.04hop>

HORN, L. R. *On the Semantic Properties of the Logical Operators in English*. Indiana: Indiana University Linguistics Club, 1972. Texto mimeo

ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LEVINSON, S. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MOURA, H. M. M. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2006.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do Português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 163-199. v. VI: Desenvolvimentos.

OLIVEIRA, J. M.; OLINDA, S. R. M. A trajetória do futuro perifrástico na língua portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. *Revista da ABRALIN*, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 93-117, jul-dez. 2008.

OLIVEIRA, J. M. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RASO, T.; MELLO, H. *C-Oral-Brasil I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012. CD-ROM.

SEARLE, J. R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*: Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 189-218. v. 1: Focus on Theoretical and Methodological Issues. DOI: <https://doi.org/10.1075/tsl.19.1.10clo>